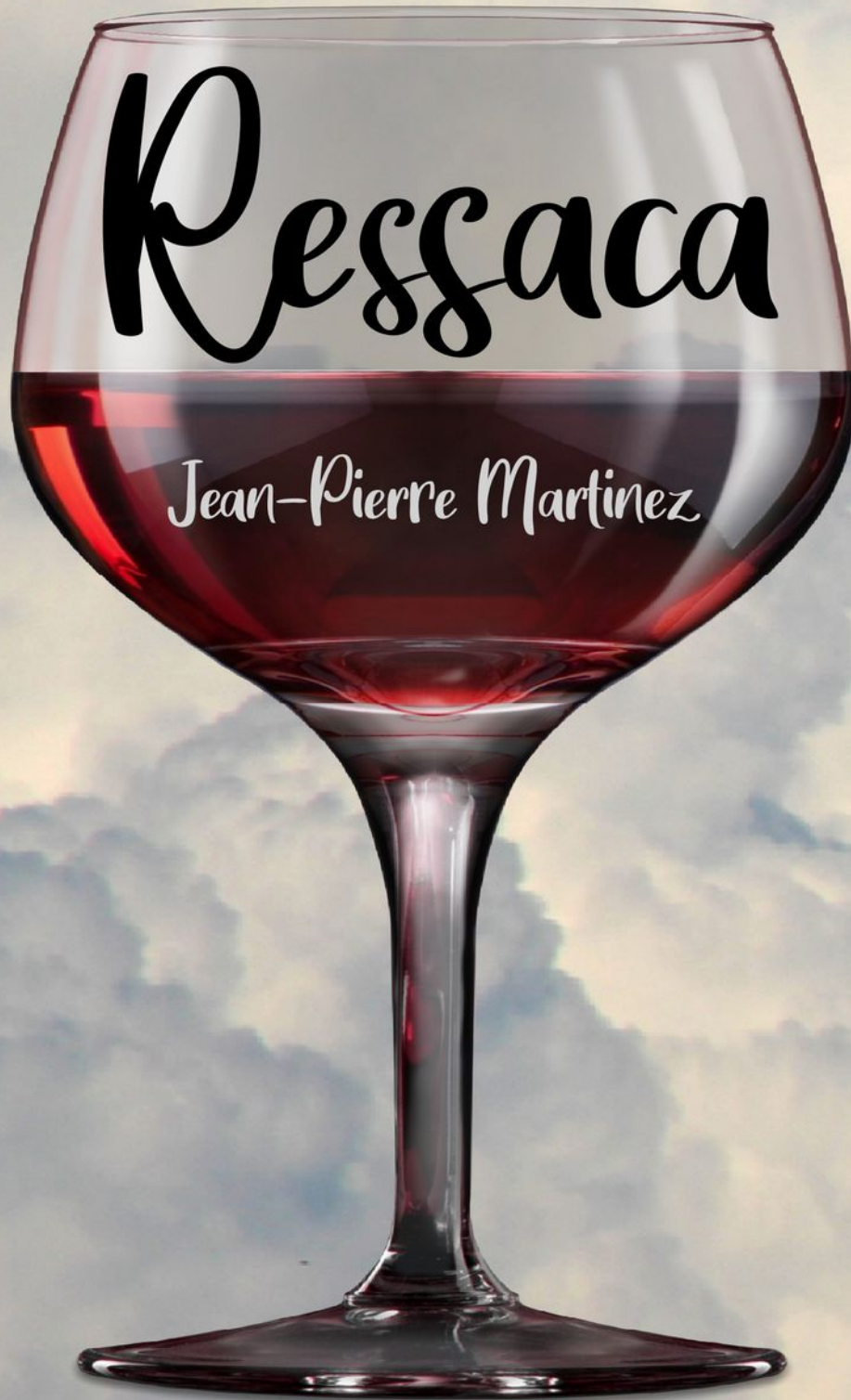


La Comédiathèque



comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Ressaca

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Pedro e Maria convidaram para um aperitivo um casal que conheceram num restaurante e com quem mal simpatizaram. Mas desde então, todos tiveram tempo para descontraír, e percebem que não têm muito em comum para partilhar. A noite promete ser longa. A menos que...

Personagens

Pedro

Maria

Francisco

Victoria

© La Comédiathèque

Um par de personagens um pouco vulgares na sala de um apartamento decadente. Um sofá manchado e uma mesa baixa cheia de pratos sujos.

Pedro – Eles não virão.

Maria parece ouvir.

Maria – Nunca tinha percebido que se ouve o metro daqui. Tu notaste?

Pedro – Eu estou te dizendo que eles não virão!

Maria – Talvez antes não fizesse tanto barulho... Quando era mais novo...

Pedro – Deste a eles a direção certa pelo menos?

Maria – Ou será que estou ouvindo melhor à medida que envelheço? Geralmente é ao contrário...

Pedro (*mais alto*) – Deste a direção?

Maria – Mas para que gritar assim, não sou surda!

Pedro – O metro...

Maria – Sim, eu escrevi a direção. No guardanapo...

Pedro – No guardanapo?

Maria – Um pedaço de guardanapo de papel! Achas que ainda podemos nos dar ao luxo de ir a restaurantes com servilletas de pano?

Pedro – Ou talvez tenham perdido a direção... O pedaço de guardanapo ficou no bolso e foi para a máquina de lavar. Isso acontece frequentemente...

Maria – Ah sim? E como sabes disso? Usas muito a máquina de lavar?

Pedro – Um pedaço de papel se perde muito facilmente.

Maria ouve de novo.

Maria – Outro metro... Talvez eles estejam dentro...

Pedro – Devíamos fazer cartões de visita...

Maria – Cartões de visita?

Pedro – Agora, na internet, por uns euros, tens cem cartões de visita.

Maria – O que vamos fazer com cem cartões de visita?

Pedro – Sempre é melhor que um pedaço de guardanapo de papel...

Maria – E a quem vamos dar seus cem cartões de visita?

Pedro – Não sei, às pessoas que conhecemos...

Maria – Às pessoas que conhecemos? Nunca conhecemos ninguém!

Pedro – Bem, sim, o teste...

Maria – Para nós, um cartão de visita a cada dez anos seria mais do que suficiente...

Pedro – Sim, mas desculpe, os cartões de visita não podem ser pedidos um a um. O mínimo são cem.

Maria – Enfim... Foi tu mesmo quem disseste, eles não virão...

Pedro – Se tivéssemos dado a eles um cartão de visita em vez de um pedaço de guardanapo de papel oleoso, talvez tivessem vindo...

Maria – Teriam vindo? Porque lhes teríamos dado um cartão de visita?

Pedro – Porque esse maldito pedaço de guardanapo não teria ido para a máquina de lavar! É por isso! Um cartão de visita se perde menos facilmente. É de papelão! E se por acaso for parar na máquina de lavar, com um pouco de sorte, ainda pode ser lido mais ou menos.

Maria – Tens razão, vamos fazer cartões de visita impermeáveis, laváveis na máquina de lavar. Tente encontrar isso na internet.

Pedro – Bem, de qualquer forma, eles não virão...

Maria – Embora, são apenas nove horas.

Pedro – Tínhamos dito oito e meia.

Maria – "Oito e meia às nove", assim foi dito! Lembro-me muito bem, porque perguntaste "oito e meia ou nove"?

Pedro – E o que ele respondeu?

Maria – Acho que preferiu levar como uma piada...

Pedro – De qualquer forma, são nove horas. Passamos do horário combinado, e eles não estão aqui.

Maria – O horário combinado... Ainda bem que não os convidaste para jantar...

Pedro – Agora dizes que eu os convidei?

Maria – Não foi tu quem os convidaste?

Pedro – Eu disse que seria bom nos vermos de novo algum dia para um aperitivo... Não disse que dia! Foi tu quem propuseste uma data...

Maria – Não querias que eles viessem?

Pedro – Sim, mas...

Maria – Então por que os convidaste para um aperitivo? Se os convidas, é preciso marcar uma data. Como pareceríamos se não fizessemos isso?

Pedro – Falei assim, para ser educado.

Maria – Para ser educado? Pedro, estás começando a me preocupar... Tens certeza de que está tudo bem contigo?

Pedro – Como tínhamos simpatizado um pouco... Não achei que viriam, na verdade...

Maria – Bem, então que bom, não estão aqui... Aliás, entre nós, esse tipo de pessoas não é de todo o nosso estilo... Não sei o que passou pela tua cabeça para os convidares para casa...

Pedro – Ah sim? E qual é o nosso estilo?

Maria – O estilo que não tem cartões de visita, porque não temos nada para colocar neles! Esse é o nosso estilo. Mas vamos lá ver, o que poderias colocar no teu cartão de visita?

Pedro – Mesmo assim, poderiam ter ligado para cancelar... Isso não se faz, não é? Ou talvez tenham perdido nosso número de telefone... Tu deste nosso número de telefone a eles?

Maria – Mas claro, não te preocupes. Anotei isso neste pedaço de guardanapo de papel. Sabes? A que foi parar na máquina de lavar com as roupas deles sujas.

O sino toca.

Maria – Ah... Talvez a máquina de lavar estivesse avariada.

Pedro fica paralisado.

Pedro – Merda, são eles, cara...

Maria – Quando se convida pessoas, sempre existe o risco de que venham. Por isso, quando não queres ver alguém, é melhor não o convidares.

Pedro – Bem, então vai ver! Pode ser um engano...

Maria lança um olhar furioso para Pedro e vai abrir a porta.

Maria – Ah, olá Francisco!

Francisco (*fora de cena*) – Olá Maria! Mas parece que ficastes surpresos por nos ver.

Victoria (*fora de cena*) – Não tínhamos combinado para quinta-feira às nove?

Maria (*fora de cena*) – Sim, sim... Tínhamos dito oito e meia às nove. Mas como já são nove e dois, o Pedro pensava que não viríeis...

Francisco (*fora de cena*) – Haha! Essa é boa!

Maria (*fora de cena*) – Entrai! Pedro! Não é um engano! É o Francisco! Com a esposa...

Francisco e Victoria entram, com uma aparência mais de classe média do que seus anfitriões. Cumprimentam-se apertando as mãos.

Pedro – Bom dia, bom dia... Bom dia Victoria... É Victoria, certo?

Francisco – Sim, sim, é ela... É verdade que ela envelheceu bastante desde a última vez que nos vimos na semana passada, mas sim, é a Victoria, minha esposa.

Pedro – Não, queria dizer... É o teu nome, Victoria?

Victoria – Claro que sim, sou Victoria. Meu marido está a brincar contigo...

Francisco (*dando tapinhas no ombro da esposa*) – Tudo bem, Victoria.

Victoria – Só fui à cabeleireira.

Maria – Ah sim, aliás, fica-te muito bem! Não é, Pedro, que lhe fica melhor?

Pedro – O quê?

Maria prefere continuar.

Maria – Avisamos que será informal... Não preparamos nada especial...

Victoria – Não dissemos que era para o aperitivo, certo? Então para o aperitivo, enquanto tivermos aperitivo!

Francisco – E precisamente, trouxemos uma garrafa de espumante!

Pedro – Ah, que bom, temos xarope de granadina, certo, Maria? Podemos colocar um pouco no espumante, para ficar mais doce.

Maria – Xarope de granadina... no espumante?

Pedro – E por que não?

Maria – Não sei...

Victoria – Meu marido está brincando. Não é espumante, claro. É champanhe autêntico.

Francisco – Pegamos de um pequeno produtor na França.

Victoria – Se gostarem, daremos o endereço.

Maria – Champanhe! Ah, então... Vês, Pedro! Não vamos colocar teu xarope de granadina do Lidl num autêntico champanhe francês...

Pedro – Não é do Lidl, é do Aldi.

Maria – Bem, obrigada... Mas não é razoável. Convidamo-vos para tomar um copo, e são vocês que trazem a bebida. Peguem uma cadeira, pelo menos! Pedro, vais buscar as azeitonas e as amendoins?

Pedro – Temos azeitonas e amendoins?

Maria – Claro que temos azeitonas e amendoins! Tenho que esconder, senão ele come todos enquanto assiste ao futebol na TV, e depois não tenho nada quando temos convidados... Vamos lá, Pedro, mexe-te um pouco!

Pedro – Não sei onde estão, te digo! Já que foste tu quem os escondeu...

Maria – Ah, estes homens... Não se pode pedir nada sério a eles... Bem, vou lá. Desculpem, volto já. Sintam-se à vontade. Façam-se em casa.

Maria sai.

Pedro – Espero que não estejam vencidos há muito tempo... Nunca temos convidados...

Francisco – Haha! Este Pedro é uma figura! Pelo menos, com vocês, nunca se fica entediado! Não é, Victoria?

Pedro, que não estava brincando, parece um pouco surpreso com essa hilaridade. Silêncio desconfortável. Os dois convidados olham em volta para o quarto bastante sombrio.

Victoria – Vocês estão bem instalados, não estão?

Pedro – Sim, está bom. É pequeno, mas pelo menos... Para nós dois não é muito grande...

Victoria – Sim, claro...

Francisco – Vocês têm filhos, Pedro?

Pedro – Não... Poderíamos tê-los tido, mas... Não, não aconteceu...

Victoria – Talvez não seja tarde demais...

Pedro – Oh não, agora... Não, e como eu dizia, não temos espaço... Onde os colocaríamos?

Francisco – Sim, isso é verdade...

Maria retorna com uma bandeja de azeitonas e amendoins.

Maria – E aqui estão os aperitivos... E então? Ainda não abriram o champanhe?

Pedro – Não trouxeste o xarope?

Maria – Mas Pedro, já te disse... Não com champanhe verdadeiro...

Victoria – Mas claro que sim! Se é isso que ele gosta... Na verdade, eu também vou beber um pouco, para acompanhar o Pedro.

Pedro – Estás a ver? A senhora diz que também vai beber. Vou buscar o xarope...

Pedro levanta-se e sai.

Francisco – E também não é um grande champanhe.

Maria – Oh sim, é incrível agora. Nos supermercados, encontras garrafas de champanhe ao preço de uma garrafa de sidra.

Francisco – Esperemos que este não tenha o mesmo sabor...

Maria – Não estava a falar do vosso, obviamente. Que vem diretamente da França.

Francisco – Achas que o champanhe francês dos supermercados não vem diretamente da França? É uma piada...

Pedro (fora de cena) – Maria! Não encontro o xarope!

Maria (suspirando) – Ai, não posso acreditar... Ele vai-me enlouquecer... Volto já...

Maria sai. O sorriso educado de Victoria desaparece instantaneamente.

Victoria – Meu Deus, Francisco, o que estamos fazendo aqui?

Francisco – Não exageres... É verdade que são um pouco excêntricos, mas... São muito simpáticos, não são?

Victoria – Excêntricos? Mas eles são uns verdadeiros degenerados!

Francisco – Escuta, querido, também não podemos nos relacionar apenas com pessoas que sejam como nós. Como os nossos colegas de trabalho respectivos... ou tua mãe.

Victoria – Minha mãe? O que tem minha mãe?

Francisco – Nada... Mas temos que ser um pouco abertos, não é? Tu mesma sempre dizes às crianças que devem respeitar as pessoas diferentes...

Victoria – Mas vamos lá, Francisco... estou a falar de pessoas com deficiência!

Francisco – Sim, bem, pelo menos com os proletários, podemos rir deles... Vamos, relaxa um pouco! Tenho certeza de que amanhã só lembraremos dos momentos engraçados desta noite memorável...

Victoria – Amanhã? Se não tivermos morrido antes de uma doença infecciosa. Mas olha para este antro... Estive indecisa em sentar no sofá com medo de ficar grudada de tão oleoso que está! Sem mencionar a louça suja em cima da mesa. Olha, há fungos crescendo dentro deste prato!

Francisco – Realmente, é verdade...

Victoria – Imagina que insistem que fiquemos para o jantar!

Francisco – Tens razão, isso seria ruim...

Victoria – Claro que seria ruim! Seria super ruim!

Francisco – Mas por que estás falando assim?

Victoria – Não sei... Talvez eu já esteja contaminada...

Francisco – Deveríamos ter verificado antes de vir que estávamos em dia com todas as nossas vacinas...

Victoria – Eu te disse que não confiava neste convite!

Francisco – Sim, mas agora já é tarde demais.

Victoria – Escuta bem, Francisco, fala-te a psicóloga. Esse tipo não é claro, entendes?

Francisco – Com base em quê dizes isso?

Victoria – Ele tem a mão mole!

Francisco – Mole? Queres dizer húmida?

Victoria – Mole! Quando apertou minha mão antes. Senti claramente...

Francisco – Ah, sim, de fato. Ainda bem que tens um doutorado em psicologia... Eu não tinha notado nada.

Victoria – E não penses que podes gabar-te da tua mente aberta e da tua tolerância para com os proletários. Tenho a certeza de que na realidade só vieste pedir emprestada a serra circular dele!

Francisco – A serra circular dele?

Victoria – Para terminar de instalar as prateleiras no banheiro! Lembro-me perfeitamente. Quando saímos daquele restaurante e perguntei por que aceitaste esse convite, disseste-me textualmente – "e esse tipo parece ter uma serra circular".

Francisco – Bem... Vamos acalmar-nos... Ficamos mais um pouco para não sermos descorteses, e depois vamos embora...

Victoria – E se aproveitarmos que estão na cozinha para sair em silêncio?

Francisco – Vamos lá, querida, não podemos fazer isso... Seria grosseiro...

Victoria – Eles não têm o nosso endereço.

Francisco – Tens razão, vamos embora.

Eles se levantam para sair, mas Pedro retorna com uma garrafa, seguido por Maria.

Pedro – Aqui está o xarope de granadina!

Maria oferece a garrafa de champanhe a Francisco.

Maria – Vamos, abre!

Francisco pega a garrafa.

Maria – Então, vais buscar os copos!

Pedro – Os copos? Não sei onde estão os copos!

Maria sai suspirando. Francisco está prestes a desenrolar a garrafa, mas para o seu gesto.

Francisco – Então esperarei um pouco... Não vá esse precioso néctar derramar-se no tapete...

Victoria – No metro, talvez a garrafa tenha sido um pouco agitada.

Pedro – Eu vou cuidar do xarope...

Maria retorna com quatro copos que coloca sobre a mesa.

Maria – Aqui estão os copos...

Pedro – Quem quer xarope no seu champanhe?

Victoria – Eu vou acompanhar-te...

Pedro serve um pouco de xarope em dois copos. Francisco desenrola a garrafa.

Francisco – E aqui está!

Francisco enche os copos.

Maria – Ah, está bem borbulhenta...

Francisco – Sim...

Pedro – Assim é como se reconhece o verdadeiro champanhe.

Maria – Sirvam-se de amendoins.

Servem-se.

Victoria – Obrigada...

Francisco – Bem, então... saúde!

Pedro – Isso, saúde!

Eles brindam e bebem.

Victoria – Acho que deveria estar um pouco mais frio, não?

Maria – Está muito bom assim, acho eu.

Pedro – Com um pouco de xarope, sabe melhor...

Bebem novamente para preencher o silêncio.

Victoria – É curioso nos encontrarmos assim...

Francisco – Sim, é realmente muito gentil da vossa parte nos terem convidado.

Victoria – É verdade, mal nos conhecemos...

Francisco – Temos que dizer que nos divertimos bastante, todos juntos, naquele restaurante.

Maria – Sim, não é? Já nem me lembro muito bem porquê, na verdade...

Victoria – Confesso que eu também não...

Francisco – Temos que dizer que bebemos bastante, não?

Maria – Ah, sim?

Victoria – Eu, pelo menos, estava completamente embriagada.

Maria – Querem mais?

Victoria – Com prazer!

Maria volta a encher os copos.

Maria (para Francisco) – Ainda não queres xarope?

Francisco – Não, obrigado...

Silêncio.

Victoria – Está um tempo estranho, não acham?

Maria – Sim...

Victoria – Parece tempo de outono.

Francisco – Bem, estamos em outubro.

Victoria – Sim, é verdade. Já passou mais de um mês desde o regresso às aulas.

Francisco – Em breve será Dia de Todos os Santos.

Victoria – É incrível como o tempo passa.

Maria – Sim... (*Silêncio*) Pedro, estás bem? Estás a dormir?

Pedro – Não, porquê?

Maria – Não dizes nada...

Pedro – O que queres que diga?

Maria – Não sei, quando temos convidados, fazemos conversa.

Francisco – Talvez o Pedro esteja à espera de ter algo interessante para dizer...

Maria – Então, não vão ouvir o som da sua voz por muito tempo.

Pedro – O que é que isso significa? Achas que o que tens estado a dizer há tanto tempo é interessante? Acham interessante o que ela diz?

Victoria – Quero dizer...

Pedro – Que se coloca xarope no espumante ou não! Achas que o Monsieur e a Madame vieram para receber uma aula de enologia? (*Vira-se novamente para os outros dois*) Vocês vieram para receber uma aula de enologia?

Francisco – Na verdade...

Pedro – Vês? Não vieram para receber uma aula de enologia, vieram para tomar o aperitivo.

Maria – Então, avança se tiveres algo interessante para dizer aos nossos convidados!

Pedro – Bem, por que não? (*Pausa*) Neste momento, não me ocorre nada, mas bem... Não temos pressa, certo? Têm vocês pressa?

Francisco – Não... Pois não...

Pedro – Vês, eles não têm pressa! Tomamos o aperitivo... És tu quem nos pressiona aqui!

Francisco e Victoria trocam olhares perplexos.

Victoria – E então, a que se dedicam na vida? Da última vez mal tivemos tempo para falar a sério...

Pedro não responde. Maria também não. Eles se ignoram e lançam olhares furtivos enquanto sorvem seu champanhe, esquecendo a presença dos seus convidados. Pedro parece refletir sobre o que vai dizer.

Pedro – Não tiveram muito trânsito no caminho?

Maria levanta os olhos para o céu e suspira para enfatizar o quão banal é essa observação, e Pedro lança-lhe um olhar inflamado.

Victoria – Viemos de metro.

Francisco – Vivemos a três paragens daqui.

Victoria – Por acaso, da vossa casa, ouve-se bem o metro, não é?

Maria – Ah, aí está!

Francisco – O metro? Eu não ouço nada...

Pedro – Minha esposa ouve vozes, como Joana d'Arc. Mas no caso dela, são os trens do metro.

Francisco – A minha também, pelo visto...

Victoria – Por favor!

Francisco – Estava a brincar. Devem ser zumbidos...

Victoria – Zumbidos... Vá lá, Francisco... Por que é que ouviríamos a mesma coisa que a Maria, ao mesmo tempo, se fossem zumbidos?

Pedro – Zumbidos... Que diabo é isso?

Francisco – Quando ouves ruídos que não existem...

Maria – Ruídos que não existem! Chama-nos de loucas também! Não é nossa culpa que vocês dois sejam surdos como uma porta. Não é verdade, Violeta?

Victoria – Violeta...? Eh... eu sou a Victoria.

Pedro – É verdade que Victoria e Violeta são muito parecidos... Sobretudo quando uma está dura de ouvido...

Maria – Então, estes senhores queriam saber o que fazes interessante na vida.

Pedro – Como trabalho, queres dizer?

Maria – Claro, como trabalho!

Pedro – Atualmente, trabalho no Serviço de Limpeza.

Francisco – Limpeza?

Maria – Meu marido é lixeiro.

Pedro – Suponho que já tinham entendido, não?

Victoria – Não há trabalhos tolos... O que faríamos se não houvesse ninguém para recolher o nosso lixo?

Maria – Ah sim... Pois o vosso lixo é recolhido pelo meu marido...

Pedro – Não podes imaginar tudo o que as pessoas deitam fora no lixo. Uma vez, até encontrámos um bebé...

Victoria – Um bebé?

Pedro – Ah, mas vivo, hein?

Maria – Pensámos em ficar com ele, mas havia muitos papéis para preencher.

Victoria – Ah sim... Nos tempos de Moisés, era menos complicado.

Pedro – Moisés?

Victoria – Ehm... Sabes, Moisés. Aquele bebé que os pais abandonaram numa cesta que flutuava no Nilo... Foi a filha do faraó que o recolheu...

Pedro – E depois?

Victoria – Não, nada, é... Estava numa cama, não num caixote do lixo, mas é um pouco a mesma história...

Maria – Nunca ouvi falar disso... Mas agora vêm-se tantas coisas. Isso foi há muito tempo?

Francisco e Victoria trocam um olhar preocupado.

Francisco – E tu, Maria, o que fazes na vida?

Pedro – Maria... Ela não faz nada.

Maria – Estou de baixa por doença.

Pedro – Há cinco anos.

Maria – É culpa minha estar deprimida?

Pedro – Também não é minha...

Maria – Isso ainda está por ver...

Francisco – E... antes de ficares doente, o que fazias?

Maria – Fazia parte do pessoal penitenciário.

Pedro – Minha esposa era guarda prisional. Carcereira, se preferires.

Victoria – Ah sim, de facto, isso deve ser... Muito deprimente.

Maria – Na verdade, foi na prisão que conheci o meu marido.

Francisco (*para Pedro*) – Antes de ser lixeiro, tu também eras carcereiro? Quero dizer... guarda prisional.

Maria – Ah, não... Pedro estava preso...

Francisco – Preso...

Victoria – Já vejo...

Maria – Conhecemo-nos na prisão. Não estávamos do mesmo lado das grades, mas depois encontrámos coisas em comum.

Pedro – Sim... Agora estou a cumprir a pena em casa.

Francisco – E... tens uma pulseira eletrónica.

Pedro – Não... Só uma aliança de ouro folheado.

Francisco – Está bem... Valha-me Deus, Pedro...

Silêncio.

Maria – Não vão perguntar ao meu marido por que é que esteve na prisão?

Victoria – É que...

Francisco – Não queremos ser indiscretos.

Pedro – Foi um mal-entendido.

Maria – O meu marido foi vítima de um erro judicial.

Francisco – E então libertaram-no depois de um novo julgamento...

Maria – Mais precisamente, depois de uma redução da pena, na verdade. Parece que o Pedro só conseguiu convencer o seu advogado da sua inocência...

Pedro – Era um advogado inexperiente. Era o seu primeiro caso.

Pedro apanha mais uma mão-cheia de amendoins. Maria lança-lhe um olhar de desaprovação.

Maria – Comam amendoins enquanto ainda há... E vocês, em que trabalham?

Francisco – Bem, eu... mas por favor, Victoria, tu primeiro.

Victoria – Eu trabalho com crianças com deficiência.

Pedro – Deficiência?

Maria – Finalmente, Pedro... Significa crianças que não são normais.

Victoria – Na verdade, prefiro que digam crianças com deficiência.

Maria – Ah sim, está bem. E que tipo de deficiência têm? Falta-lhes um braço ou uma perna?

Francisco – Mais falta-lhes uma peça no cérebro...

Victoria fulmina-o com o olhar.

Victoria – São crianças que sofrem de deficiência mental. Principalmente autistas.

Perplexidade de Pedro, que claramente não conhece o termo.

Pedro – Ah sim, autistas...

Victoria – Pessoas que têm dificuldade em estabelecer comunicação com os outros.

Maria – Então, devias cuidar do meu marido... E tu, Francisco? Também trabalhas com os tolos?

Francisco – Ehm, não... Eu... Sou professor de educação física numa escola... Embora por vezes sinta que trabalho com deficientes motores...

Victoria – Francisco, por favor...

Francisco – A minha esposa não gosta que eu brinque com esse assunto.

Maria – Professor de desporto! Ah, sim, agora que falas nisso... Notam-se bem os peitorais debaixo da tua camiseta justa...

Pedro – E pareço ser eu o vulgar.

Maria – O quê? Mesmo que não possamos tocar, não temos direito a admirar o bonito, certo?

Desconforto dos seus convidados.

Victoria – Bem, talvez não devêssemos incomodar-vos mais... Não é assim, Francisco? Lembras-te que os meus pais estão à nossa espera para jantar?

Francisco – Os teus pais? Ah sim, os teus pais...

Maria – Já estão aborrecidos connosco, não estão?

Victoria – Ah não, de maneira nenhuma! É só que...

Maria – Vês, Pedro? Se tivesses um pouco mais de conversa, provavelmente teríamos mais amigos. E não é com os teus cartões de visita que...

Francisco – Cartões de visita?

Pedro – Tendes vós cartões de visita?

Francisco – Sim, bem... É principalmente a Victoria, com o seu trabalho...

Maria – Para dar aos tolos quando tem de lidar com eles fora do trabalho.

Pedro – Deixai-nos o vosso quando saírem.

Maria – Tendes filhos vós?

Victoria – Ehm... Sim... Um rapaz e uma rapariga... Estão com a minha mãe, precisamente...

Maria – Mas porque é que viestes, exatamente?

Francisco – Porquê?

Victoria – Bem... Porque nos convidaram, não?

Francisco – Lembram-se, dissemos para o aperitivo, por volta das nove?

Pedro – Primeiro dissemos oito e meia – nove.

Victoria – Então vês que nos convidaram, não vês, Pedro?

Maria – Vieram para gozar contigo, Pedro. É por isso que vieram.

Victoria – Mas de maneira nenhuma!

Francisco – E depois, oito e meia ou nove, que diferença faz, eh?

Pedro – Faz toda a diferença! Significa que hesitaram em vir até ao último minuto.

Maria – E além disso, já querem ir-se embora... Não é muito correto...

Pedro – Por isso mesmo, chegaram às nove e dois.

Francisco levanta-se.

Francisco – Já chega agora. Viemos até à vossa casa para o aperitivo, trazemos uma garrafa de champanhe, só nos oferecem amendoins rançosos, e ainda por cima somos repreendidos!

Pedro – Está bem, trouxeram uma garrafa de champanhe, mas por que trouxeram uma garrafa de champanhe, eh?

Francisco – Porquê?

Pedro – Para nos envergonharem! É por isso!

Victoria – Para vos envergonhar?

Maria – Claro que sim! Para nos humilharem! Acham, champanhe, estes proletários não o devem beber todos os dias na sua barraca. Levamos uma garrafa, isso vai tirá-los do vinho barato.

Pedro – Mas que não seja Dom Perignon, certo? Um champanhe barato em oferta do Lidl servirá. De qualquer forma, não notarão a diferença, nunca bebem champanhe.

Maria – Pois claro que sim, bebemos champanhe antes. E do bom.

Pedro – Pois sim! No casamento da tua irmã no ano passado, por exemplo. Não era Dom Perignon?

Maria – A Viúva Clicquot, acho.

Pedro – Exatamente! A Viúva Clito. E vimos claramente que o champanhe que nos trouxeram não valia nem um gole de sidra.

Victoria – Mas vamos lá, vocês estão delirando.

Francisco – Já tinham começado o aperitivo antes de chegarmos, não é?

Maria – Ouviste isso, Pedro? Agora o senhor chama-nos alcoólicos. E tu não dizes nada?

Pedro – Isso não é muito simpático, Francisco... Não se diz essas coisas aos amigos...

Maria – Então os nossos amendoins também não são suficientemente bons para vocês?

Pedro – Achaste-os rançosos, tu, esses amendoins?

Maria – Eu achei-os muito bons. Amendoins normais, não?

Pedro – Normais, Maria. Amendoins normais. Mas esqueces que o senhor é professor.

Maria – Professor, que piada... Por favor! Professor de desporto! Realmente é preciso um diploma para isso, ou basta vestir uns calções e encher o peito como no concurso de Miss?

Francisco – Bem, Victoria. Nós vamos. Não vamos permitir que nos insultem...

Maria – Isso mesmo, vai jantar com a tua sogra, já que parece que ela está à tua espera. Mas podias ter arranjado uma desculpa melhor...

Pedro – É verdade. Ninguém tem tanta pressa para ir jantar com a sogra.

Maria – Da próxima vez, ponham-se de acordo antes, pelo menos...

Victoria – Não gostei deste convite, já te disse...

Estão prestes a sair.

Pedro – Para onde vão assim? Já querem ir embora? Não é muito educado...

Francisco – Já te dissemos, estão à nossa espera para jantar.

Pedro – Ainda há um pouco de espumante. Não o vamos deixar estragar.

Maria – E depois vamos fazer-vos provar o nosso vinho da casa.

Victoria – Já bebemos o suficiente. Vamos, já vos dissemos.

Pedro interpõe-se.

Pedro – Em minha casa, sou eu quem decide quando alguém sai.

Francisco – Ah sim? E pensas em reter-me à força?

Pedro – Por que não?

Francisco – Sê razoável, velho. Mal te agentas de pé...

Pedro – Talvez, mas tenho argumentos mais convincentes.

Pedro saca uma pistola. Francisco e Victoria olham para o revólver, paralisados.

Francisco – Acho que começamos com o pé esquerdo. Todos vão acalmar-se e vamos tomar mais uma bebida juntos antes de sair como bons amigos, certo?

Pedro – Aí está... Para que não se vão com uma má impressão.

Maria – E para que depois não vos apeteça voltar a casa para tomar o aperitivo connosco. Embora sejamos gente modesta, também sabemos receber.

Pedro – E temos o nosso orgulho. Tira o vinho e os cubos de gelo, Maria.

Maria – Ah, acho que me esqueci de pôr gelo no frigorífico.

Pedro – Não faz mal, vamos bebê-lo à temperatura ambiente.

Maria – Importas-te, Vicky, de beber vinho à temperatura ambiente?

Victoria – Não, não, de todo, por favor.

Francisco – A mim também não, estará bem, garanto-te.

Maria – Normalmente, bebemo-lo com gelo, mas pronto. Mas como o vinho já está no frigorífico.

Victoria – Como preferires...

Maria sai.

Pedro – Tudo bem, Chico? Agora que somos amigos, posso chamar-te Chico, certo?

Francisco – Claro...

Maria volta com uma jarra de vinho e enche os copos.

Pedro – Aí está! Isto sim é um aperitivo.

Brindam.

Maria – Então, à vossa!

Pedro – Pela amizade, Vicky! Importas-te se eu também te chamar Vicky?

Victoria – De todo.

Pedro – E tu, Chico, certo...?

Francisco – Os meus amigos chamam-me Chico...

Pedro – Bem viste! Adivinhei, afinal.

Maria – O meu marido é todo um psicólogo.

Victoria – Já vi...

Pedro – E tu, minha galinha, tens algum apelido?

Victoria – Eh... não, não realmente...

Maria – Vá lá, não sejas tímida...

Victoria – Quando era pequena, os meus pais chamavam-me Pestinha.

Maria – Pestinha?

Francisco – Nunca me tinhas contado isso...

Pedro – O que acham do meu vinho?

Francisco – Ah sim, está... Está muito bom...

Victoria – Sim, nota-se o sabor da uva.

Maria – O sabor da uva...

Pedro – Não, mas estou a brincar, não se esforcem.

Maria – O vinho, o que importa como sabe.

Pedro – Desde que tenha uns 16 graus à sombra, é suficiente. Pega uns amendoins, Enanita!

Victoria – Obrigada.

Victoria força-se a comer amendoins.

Pedro – Bem, o que fazemos agora? Um joguinho de póquer, estão a fim?

Maria – Um jogo de strip póquer? Vamos, Pedro, não se propõe um jogo de strip póquer a pessoas que vêm pela primeira vez à tua casa...

Pedro – Um póquer strip... Um póquer normal, disse! Estás mesmo a ficar surda, velha. Ou estás a ouvir vozes? Estás com tanta vontade de olhar as traseiras do Chico?

Maria – Passava um metro mesmo naquele momento...

Pedro – Claro. Como Joana d'Arc. Havia interferência na linha, por isso acabou na grelha... Ouviu o metro tu?

Victoria – Não...

Pedro – Na tua cabeça passa o metro, Maria! E acho que não tardará em descarrilar.

Francisco – Ah, acho que ouvi algo desta vez.

Maria – Vês! Não estou a sonhar!

Pedro – Bem, acho que deixaremos o póquer. Não há aficionados...

Pedro saca a sua arma.

Pedro – Uma roleta russa, estão a fim? Já não jogo há muito tempo. Vai-se saber porquê, todos os colegas com quem costumava jogar já morreram.

Francisco – Pessoalmente, prefiro o póquer... Não é verdade, Victoria?

Victoria – Sim, um póquer, por que não? Não conheço muito bem as regras, mas posso aprender...

Maria – Tranquilos, o Pedro está a brincar...

Pedro – Ainda não estamos bêbados o suficiente para jogar à roleta russa. Talvez no final da noite, se estivermos animados...

Victoria – E que tal uma partida de Scrabble?

Francisco lança-lhe um olhar reprovador e preocupado.

Francisco – Não sei se os nossos amigos...

Maria – O que é isso já?

Francisco – Bem, vamos esquecer o Scrabble. Já tenho de jogá-lo todas as sextas-feiras com a minha sogra.

Victoria (*com um ar aborrecido*) – Não sabia que te incomodava tanto...

Francisco – Pois agora já sabes.

Maria – Vamos, pombinhos, não discutam! De qualquer forma, não temos nenhum jogo...

Pedro – Não tínhamos um jogo do ganso? Queres, minha galinha?

Maria – A sério, Pedro, não vamos propor a esta rapariga um jogo do ganso. O que é que ela vai pensar de nós?

Pedro – Eu gosto, de vez em quando, de um jogo do ganso. Fazíamos isso quando estava na cadeia com um pedaço de cartão e botões de camisas.

Victoria (*com uma risada nervosa*) – Deviam cair muitas vezes na casa da cadeia...

Silêncio sepulcral. Francisco lança-lhe um olhar reprovador a Victoria. Pedro explode em risos.

Pedro – Hahaha! Essa foi boa! Vá lá, Vicky!

Maria – És toda uma piadista, afinal...

Pedro – Não, era um jogo do ganso um pouco especial. Substituímos a casa "vais diretamente para a cadeia" por "vais diretamente para o bordel"...

Maria – Fui eu quem confiscou o jogo. Por isso, ainda o temos em casa.

Francisco – Ah, sim...

Pedro – Estariam interessados em vê-lo?

Francisco – Ah, sim, por que não? Não é verdade, Vicky? Quero dizer, Victoria...

Pedro – Bem, enquanto isso, vamos beber mais alguma coisa.

Serve-os, mexendo um pouco o revólver que está sobre a mesa, enquanto os seus convidados o olham com preocupação.

Victoria – Não sei se é muito sensato... E além disso, a minha mãe estará à nossa espera...

Francisco – Se isso é tudo...

Victoria olha furiosa para ele.

Francisco – Agora que somos amigos, posso fazer-te uma pergunta, Pedro?

Pedro – Ah, se somos amigos, chama-me Pepê!

Francisco – Está bem. Então, Pepê... o que te levou... numa jaula? Quero dizer... O que foi esse erro judicial?

Pedro – Um erro judicial?

Maria – Já sabes, a vida do meu marido é uma série interminável de erros judiciais. Até o nascimento dele, pergunto-me se não foi um mal-entendido...

Pedro – Na verdade, na prisão chamavam-me "O Inocente".

Maria – Não tenho a certeza se foi só por isso, mas tudo bem...

Pedro – Sim... Parece que o destino decidiu se vingar de mim.

Maria – A primeira vez que estive na prisão foi por um roubo à mão armada.

Pedro – Como o banco era justo debaixo da minha casa, o caixa pensou que me reconhecia. Claro, disse-lhes, passo por ali todas as manhãs para ir ao bar ao lado tomar o aperitivo.

Francisco – E este assalto, foi... com esta arma?

Pedro saca a sua arma.

Pedro – Esta? Ah, não, esta é de sabão.

Victoria – De sabão?

Pedro – O verdadeiro está guardado na gaveta da cozinha. É uma boa imitação, não?

Francisco – Ah, sim...

Pedro – Também fiz quando estava na prisão, para escapar.

Francisco – Realmente eras muito habilidoso, não?

Maria – Fui eu quem confiscou antes que ele fizesse alguma besteira. Com as reduções de pena, só lhe restavam alguns anos para cumprir...

Pedro – Os últimos anos são sempre os mais longos. É como o casamento.

Victoria – Então, é uma arma falsa...

Pedro pega a arma.

Pedro – Uma obra-prima... Levou-me meses... Pena que nunca pude usá-la...

Francisco e Victoria ficam momentaneamente desconcertados.

Victoria – Bem... Talvez devêssemos ir agora...

Francisco – Acho que preciso de um pequeno reforço antes de ir embora...

Francisco, já bastante bêbado, pega a garrafa de vinho e se serve de outro copo.

Maria – Ainda há um pouco de champanhe, não vamos desperdiçar.

Francisco – Tens razão, seria uma pena.

Francisco despeja o restante do champanhe no seu vinho.

Victoria – E agora, estás a beber vinho com champanhe?

Francisco (dá um gole) – É um pouco diferente, mas não está mal. Querem provar?

Pedro – Já não há champanhe de qualquer maneira...

Francisco – Vamos, de um trago!

Ele bebe o copo de um gole.

Victoria (*tentando acalmá-lo*) – Não achas que já bebeste o suficiente assim?

Francisco – Estou bem... Um pequeno exagero de vez em quando não faz mal...

Victoria – Além disso, a minha mãe estará à nossa espera...

Francisco – Mas não, a tua mãe não estará à nossa espera! Achas que são assim tão estúpidos para ainda não terem entendido? À tua mãe é às sextas-feiras. E na casa da mãe, não é entre as oito e meia e as nove, é às sete e dez em ponto!

Pedro e Maria trocam um olhar perplexo.

Maria – Parece que vai haver movimento...

Victoria – Bem, de qualquer forma, vou-me embora.

Francisco pega na arma e aponta para Victoria.

Francisco – Não vais a lado nenhum, Vicky!

Victoria – Mas, Francisco! É uma arma de sabão...

Francisco – Sim, mas mesmo assim...

Um momento de desconcerto.

Maria – Ei, Pedro, tens a certeza de que esta não é a real? Quero dizer, é uma obra-prima, mas mesmo assim...

Pedro – Tu achas?

Pedro pega a arma das mãos de Francisco e examina.

Pedro – Oh sim, realmente... Está tão bem feita... Até eu me enganei...

Maria – Mas se é a real, Pedro. É normal que esteja bem feita.

Pedro – Tens razão...

Victoria está petrificada.

Victoria – Nunca pensei que um dia apontarias uma arma para mim. Eu, tua esposa!

Francisco – Pensei que era de sabão...

Maria – É verdade, Chico, podias tê-la matado.

Pedro – Quando não estás habituado... As armas podem ser perigosas...

Maria pega na arma das mãos de Pedro.

Maria – Um único disparo e acabou. Especialmente com uma antiguidade assim. Nem sequer tem seguro!

Pedro – Vamos, todos voltemos a sentar e tomemos outra bebida, certo?

Pedro enche novamente os copos.

Maria – Acho que acabámos todos os amendoins.

Pedro – Com todos estes aperitivos, estou a começar a ter fome, não vos acontece?

Francisco – Sim...

Pedro – Ficam para jantar connosco? Já que afinal, não é o dia que vais para casa da tua sogra...

Victoria também parece bastante embriagada.

Victoria – Devo ter-me enganado... Não é sexta-feira?

Francisco – Não, mas não queremos abusar.

Maria – E além disso, não temos nada no frigorífico. À parte de pão duro...

Victoria – Têm leite e açúcar?

Maria – Sim, talvez...

Victoria – Posso fazer-vos rabanadas!

Pedro – Rabanadas?

Victoria – Costumávamos fazê-las frequentemente quando era criança... Fazem-se muito rápido, vão ver. Só leva cinco minutos! E assim, não desperdiçamos nada. (*A Maria*) Mostras-me a cozinha?

Maria sai com Victoria.

Pedro – Ah, as mulheres... Pelo menos teremos paz durante cinco minutos...

Francisco – Sim...

Silêncio.

Pedro – Também ouço o metro.

Francisco – Ah sim?

Pedro – Era só para a irritar.

Francisco – Ah, sim...

Pedro – Sabes qual é o teu problema, Chico?

Francisco – Não.

Pedro – A tua sogra.

Francisco – Tua esposa tem razão, Pedro, és muito psicólogo...

Pedro – Não é verdade?

Francisco – Sim.

Pedro – Se quiseres, posso livrar-te dela.

Francisco – Desculpa?

Pedro – Não estás farto de jogar scrabble todas as sextas à noite?

Francisco – Sim, mas...

Pedro – Vamos, Chico! Um homem de verdade não joga scrabble. Joga póquer! O scrabble é para mulheres! És professor de educação física, sim ou não?

Francisco – Sim, bem...

Pedro – Claro, haverá alguns custos...

Francisco – Mas estás a gozar comigo, Pedro?

Pedro pega na arma da mesa.

Pedro – Esta arma pode ser uma antiguidade, mas já fez muitos felizes...

Francisco – Felizes?

Pedro – O assalto ao banco foi o meu primeiro trabalho... Mas rapidamente percebi que os roubos não eram para mim.

Francisco – Pois, pois...

Pedro – Muito arriscado. Especialmente com a minha idade.

Francisco – Os reflexos já não são os mesmos, está claro...

Pedro – Sim, e sobretudo, depois de dez anos na prisão, com o estado do meu figado, podia ser perpétuo.

Francisco – Então decidiste reformar-te...

Pedro – Não, mas escolhi algo mais tranquilo.

Francisco – Isso é bom.

Pedro – Meti-me por minha conta, com a minha esposa. Ela também conhecia bem as armas. Conheci-a na prisão. Já te tinha dito, não tinha?

Francisco – Sim...

Pedro – Coleção de lixo, é apenas uma cobertura. Meu verdadeiro trabalho agora é lidar com pessoas que podem incomodar quem me contrata.

Francisco – Entendi... Guarda-costas...

Pedro – Não gosto muito desse termo, mas geralmente é chamado de assassino de aluguel.

Francisco – Ah, sim... Não?

Pedro – Eu prefiro caçador de recompensas. Conheces o Joss Randall, certo?

Francisco – Joss Randall... Bem... não.

Pedro – A série de televisão americana! Wanted: dead or alive. Conheces?

Francisco – Ah... sim...

Pedro – Steve McQueen é meu ídolo. Eu tinha um póster dele com sua Winchester recortada na porta do meu armário na prisão. Entendes o que estou dizendo? Com o coldre da Winchester amarrado na coxa com um pequeno cordão de couro. Como uma ligadura...

Francisco – Uma ligadura?

Pedro – Os outros zombavam de mim, porque eles tinham pôsteres de pin-up com ligaduras em seus armários, entendes?

Francisco – Desculpa, Pedro, mas... Assassino de aluguel... Estamos bastante longe de Joss Randall... certo?

Pedro – Se pensares bem, não é um pouco a mesma coisa? Ok, não é legal de forma alguma, mas eu também libero a sociedade de problemas de todos os tipos. Sou uma espécie de justiceiro, sabes? Só que... é uma justiça privada, é isso.

Francisco – Ah, bem, visto assim...

Pedro – Então, o que dizes, Chico?

Francisco – Não sei... É caro?

Pedro – Vou fazer-te um preço de amigo...

Francisco – Claro, é tentador, mas...

Victoria chega e segura uma frigideira.

Victoria – E aqui estão as rabanadas!

Pedro – Se quiseres, pelo dois, faço-te um preço.

Maria chega com pratos.

Maria – Parece que, afinal, estão a se dar bem.

Victoria – Sobre o que estavam a conversar com essas caras de conspiradores?

Pedro – Não te preocupes, Vicky, estávamos a falar de negócios...

Victoria serve.

Victoria – Não se preocupem, há para todos. Havia um bom monte de pão duro na cozinha...

Maria – Acho que já estava aqui quando nos mudámos para este apartamento.

Francisco – Não para mim, obrigado...

Pedro – O inquilino anterior devia criar coelhos em gaiolas.

Maria – Não me surpreenderia. Ele era um colega da prisão que me cedeu este palácio quando se reformou. Talvez o fizesse sentir-se mais tranquilo ter também gaiolas em casa. Com inquilinos mais dóceis.

Pedro começa a comer.

Pedro – Ah sim. Realmente está muito bom. Um verdadeiro chef! Talvez devêssemos conservá-la um pouco mais, certo, Chico?

Todos riem juntos.

Maria – É bastante engraçado, não é?

Francisco – O que é engraçado, Maria?

Maria – Francamente, não pensei que viriam. E que a essa hora, depois do aperitivo, estaríamos todos aqui juntos a comer pão duro.

Victoria – Ah não? E porquê não?

Francisco – Vamos, podemos dizer-vos agora. É verdade que hesitámos muito em vir. Até tu não querias ir... Dizias que Pedro e Maria não eram o nosso tipo.

Pedro – Exatamente! Isso é o que a minha mulher também me dizia.

Victoria – Só trocámos algumas palavras naquele restaurante. Não é suficiente para conhecer as pessoas.

Pedro – Como a primeira impressão geralmente é a correta.

Maria – Vão frequentemente a essa pizzaria?

Francisco – Era a primeira vez. É verdade que é típico, aquele lugar, não?

Victoria – Ao meu marido pareceu-lhe um pouco como as pizzarias que se veem nos filmes sobre a máfia, então entramos por curiosidade. E vocês, vão frequentemente?

Pedro – É lá que trato dos meus assuntos.

Victoria – Teus assuntos? Pensava que eras colecionador de lixo.

Pedro – Sim... Desfaço-me do lixo... Mas privatizei parte das minhas atividades.

Victoria – Bem... Também gostaria de trabalhar por conta própria, mas hesito um pouco.

Maria – Com os teus loucos, queres dizer?

Victoria – Como psicóloga, sim. E tu? Na limpeza?

Pedro – Sim, podemos chamar assim.

Victoria – E tua esposa, ajuda um pouco?

Maria – Trabalhamos juntos.

Francisco – Sério?

Pedro – Alternamos na limpeza, e quando é necessário, eu termino com a serra tico-tico...

Francisco – Eu disse que esse cara parecia ter uma serra tico-tico...

Victoria – Trabalhar em casal é ideal... Quando se dão bem...

Pedro se prepara para acender um cigarro.

Maria – Não aqui, já sabes.

Pedro – Bem... Fumas, Chico?

Francisco – Não, obrigado... No meu trabalho...

Pedro – Vem comigo até à varanda, podemos continuar a falar sobre negócios.

Francisco – Não sei se...

Victoria – Mas sim, vai!

Francisco – Bem, está bem...

Saem.

Victoria – Não deverias ficar com ele.

Maria – O quê?

Victoria – Sou psicóloga, e acredita em mim, este tipo é um psicopata.

Maria – Queres dizer que é perigoso?

Victoria – Acabou de sair da prisão e tem uma arma!

Maria – Ah, já percebi!

Victoria – Pelo menos não te trata mal?

Maria – É verdade que não participa muito nas tarefas domésticas. E uma vez até o apanhei a urinar na pia da cozinha quando a louça não estava lavada.

Victoria – Meu Deus! E nunca pensaste em divórcio?

Maria – Não... Mas é verdade que muitas vezes penso em matá-lo.

Victoria – Ah, sim... Bem, é um bom começo. Mas, o que te prende a um tipo assim?

Maria – Suponho que seja o hábito. E o medo de não encontrar outro como ele, mesmo que seja pior.

Victoria – Pior? Achas que isso é possível?

Maria – Fui guarda-prisonal. É possível, acredita. É simples, escolhi o melhor do pior.

Victoria – Ao mesmo tempo... era uma prisão. Seria como dizer que escolhi meu marido em um manicómio e escolhi o menos louco do grupo.

Maria – Assim é a vida. Dizem que a maioria dos casais se conheceu no trabalho. E tu? És feliz com teu marido?

Silêncio desconfortável.

Victoria – Posso confessar-te algo, Maria?

Maria – Claro! Somos amigas, não somos?

Victoria – Deve ser porque bebi um pouco, e gosto muito de ti, porque ainda não contei isso a ninguém.

Maria – O que é, Vicky?

Victoria – Conheci alguém.

Maria – Mas alguém...

Victoria – Sim.

Maria – Ah, já vejo...

Victoria – Não pensei que isso pudesse acontecer de novo, mas aqui estamos. Aconteceu.

Maria – E quem é?

Victoria – Não o conheces.

Maria – Sim, imagino. Quero dizer, que tipo de pessoa é ele?

Victoria – É um amigo de infância... O filho dos vizinhos da minha mãe... Até flertamos um pouco quando éramos jovens... Depois passou muito tempo num sanatório... Enfim, vi-o novamente há um mês quando fui visitar minha mãe, e imediatamente... Foi como se nunca nos tivéssemos separado...

Maria – E o que vais fazer com o Chico então?

Victoria – Não sei... Sinto-me tão envergonhada... Acho que ainda amo o Francisco, claro, mas ao mesmo tempo... Moisés dá-se tão bem com minha mãe...

Maria – Moisés?

Victoria – Ele chama-se Moisés. Confesso-te que também já pensei em matá-lo.

Maria – Mas porquê? Acabas de reencontrá-lo?

Victoria – Francisco, meu marido!

Maria – Ah, já vejo!

Victoria – Ele é tolo, obviamente.

Maria – Nem tanto.

Victoria – Realmente achas?

Maria – Teu marido é do tipo previdente, não é? Provavelmente contratou um seguro de vida e te designou como beneficiária. Estou errada?

Victoria – Não.

Maria – Então, se algo acontecer com o Chico, serás viúva.

Victoria – Bem, sim, claro.

Maria – E nem mesmo uma viúva desamparada.

Victoria – Mas por que algo aconteceria com o Francisco? Ele tem uma saúde de ferro. É professor de educação física!

Maria – Basta confiar nos profissionais.

Victoria – Profissionais...?

Maria – Posso cuidar disso, se quiser.

Victoria – Mas, o que fazes exatamente?

Maria – Eu faço contratos.

Victoria – Contratos? Contratos temporários, queres dizer?

Maria – Não, não, contratos. Sobre a cabeça de alguém.

Victoria – Contratos de seguro de vida?

Maria – Mais como contratos de seguro de morte...

Pedro e Francisco retornam.

Pedro – Vejas só, não te arrependeras...

Francisco – Espero...

Pedro – Então, vocês estão se atualizando, senhoras?

Maria – Também estávamos falando de negócios...

Pedro – Ah sim!

Maria – Sinto um certo movimento, Pedro. Acho que os negócios estão se movimentando.

Victoria – Bem, talvez devêssemos ir agora. Não é, Francisco?

Maria – Vocês não querem jantar connosco?

Pedro – Poderiam ter colocado a louça suja na pia da cozinha, pelo menos... O que nossos amigos vão pensar de nós?

Maria – Quando coloco na pia da cozinha, urinas nela! Sério, vocês não querem ficar?

Francisco – Não queremos abusar da sua hospitalidade.

Pedro – Bem, será para outra ocasião então.

Maria – De qualquer forma, pensa sobre o que eu disse, Vicky.

Victoria – Certo... Aqui está meu cartão. Se quiseres me ligar...

Francisco (*para Pedro*) – Aqui está o meu.

Pedro – Vejam, eles têm cartões de visita!

Maria – Bem, então... Boa viagem de volta.

Francisco – Obrigado por tudo. Vamos, vens, Vicky?

Victoria – Vicky...?

Francisco – Da próxima vez, será na nossa casa...

Maria – E desta vez, nós traremos as bebidas.

Victoria (*baixinho para Francisco*) – Não vais perguntar sobre a serra elétrica?

Francisco – Para tua mãe?

Victoria – Para as prateleiras do banheiro!

Francisco – Ah sim... Mas acho que vou esperar até nos conhecermos um pouco melhor...

Eles apertam as mãos.

Maria – Bem, que tudo corra bem para vocês.

Pedro – Isso aí, até a próxima...

Victoria (*baixinho para Francisco*) – Viu, ele tem a mão mole...

Francisco e Victoria saem.

Maria – Bem, pelo menos vieram no final.

Pedro – Sim, e nos demos bem, não foi?

Maria – Mas acho que nossa amizade não vai durar muito...

Pedro – Com o trabalho que temos, não é fácil manter amigos.

Maria – Mesmo assim, deveríamos convidar pessoas com mais frequência.

Pedro – Sim.

Um momento.

Maria – Estavas certo. Acho que deveríamos fazer cartões de visita.

Pedro – Vamos brindar a isso...

Eles esvaziam seus copos.

Maria – Desta vez ouviste, certo?

Pedro – O quê?

Maria – O metro!

Pedro – Não...

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-183-1

Documento para download gratuito